



Boletim Semanal Internacional

Nesta edição o Boletim do SINASEFE vai chamar atenção para o processo de luta que está acontecendo na França.

Alguém que esteja lendo este Boletim pode estar se perguntando “o que eu tenho a ver com isso?” Falar do acirramento da luta de classes na França, que já chega a outros países, não tem por objetivo nos animar ou mexer com o estado de espírito, mas sim de apontar para o acirramento da luta que já é visto na França e que se desenha do ponto de vista internacional.

Não será aprofundado neste Boletim, até porque estamos desenvolvendo em outros textos e, em especial, nos Cursos de Formação dos Encontros Regionais, mas é preciso reafirmar: a leitura da conjuntura precisa nos orientar para a luta.

Isso passa por entender a correlação da crise econômica do país, com o crescimento da economia norte-americana e as opressões que estamos sofrendo nos locais de trabalho: Escola Sem Partido, ponto eletrônico, retirada da jornada flexível, redimensionamento, Instruções Normativas 01 e 02 etc.

Todos esses ataques que estamos sofrendo são a reorganização do capital para sair da crise no Brasil e, para isso, a alteração do papel do Estado da condição de conciliador para um Estado coercitivo, com viés fascista agora na figura de Bolsonaro.

Na França, medidas anticrise estão sendo aplicadas e alguns ataques semelhantes aos que vivemos no Brasil estão em implementação por parte do governo Macron. Mas a reação dos trabalhadores de lá foi diferente.

Para nós que estamos nos mantendo em luta com todas as dificuldades que temos no Brasil (e que vão se intensificar), passa também por ver como a classe trabalhadora está reagindo nos diferentes lugares.

As mídias não nos dão dimensão do que se passa na atualidade na Europa com seus rápidos e escassos comentários sobre a luta que está sendo travada pelos trabalhadores na França. Para os que lutam a boa luta, é fundamental entender como ela se trava em outros espaços. Por isso a importância de participar e trazer as experiências de luta dos trabalhadores na Argentina (relato do ato contra o G20 disponível em nosso site).

Precisamos ler e entender o que se passa no centro da luta hoje, que é mais uma vez a França. E para iniciar essa compreensão, trazemos dois textos neste Boletim. À todas e a todos, uma boa leitura!



A luta de classes na França de Hoje

André Oliveira (servidor do IF Catarinense)

Há alguns dias escrevi alguns parágrafos sobre a situação da luta de classes na França. Foram algumas anotações que tinha e a intenção era sistematizar algo para minha própria compreensão daquele movimento. O texto repercutiu, minimamente, e resolvi seguir com os apontamentos feitos. Das primeiras constatações: 1) O exercício de análise de conjuntura é uma tarefa necessária e de fundamental importância para nós; 2) Isso não pode ser algo individual, mas coletivo. Construído em conjunto. Só assim será, de fato, uma análise. Ao contrário, não passará de apontamentos iniciais e, cá entre nós, precisamos muito mais do que apontamentos iniciais para as tarefas que temos, né não?!; 3) Para além das lutas imediatas (extremamente necessárias) na construção de oposições sindicais etc, precisamos retomar um ensinamento básico do marxismo – a construção da Internacional Comunista. Somos poucos, é fato. No entanto, somos... e estamos espalhados. O socialismo está vivo e presente no mundo, o espectro continua. É fundamental aproximarmos e juntarmos os nossos na luta internacional.

Afirmar em outro texto algo que muitos (inclusive vários marxistas) insistem em negar: a atualidade de Marx. Suas análises, em especial aquelas pautadas por sua obra magna “O Capital”, são datadas sim. Mas datadas no modo de produção de capital. Em 1842, ainda quando era redator do jornal Gazeta Renana, Marx viu-se “pela primeira vez em apuros por ter que tomar parte na discussão sobre os chamados interesses materiais”. Foram os problemas do “roubo” de madeira, utilizada como lenha, que potencializaram isso. Marx questionava a propriedade privada como uma forma de roubo. É esse o catalisador que levou Marx a aprofundar seus estudos acerca da economia política. Pretendia, ele, compreender o direito e o Estado que provocavam e naturalizavam aquelas relações e compreensões do “roubo” de



madeira. Mas para entender estes elementos, Marx identificou que seria necessário uma coisa anterior, compreender a base material que produz essas relações, o capital. Assim, a partir de 1844, mergulhou fundo no estudo dessa matéria e, como afirma Paulinho Tumolo “foi construindo uma sólida crítica à economia política clássica, incorporando muitos de seus elementos teóricos, e, ao mesmo tempo, superando-a”. É a partir desse movimento de crítica à economia política de Marx, em “O Capital”, que seguirei nos apontamentos das manifestações na contemporaneidade francesa.

Afirmar também, naquele texto, que é muito didático o movimento que tem ocorrido na França nesses últimos dias. Insisto nisso. Os gritos de ordem e algumas das pichações na França vêm com os seguintes dizeres: “Sem guerra entre os povos, sem paz entre as classes!”. Isso expressa muita coisa e não pode ser desconsiderada. No entanto, não são poucas as análises apressadas que tentam situar o movimento francês como uma estratégia da extrema-direita e/ou menosprezam a luta de classes ali presente. Na verdade, seria estranho se fosse diferente. Seria estranho se este movimento tivesse a direção, de saída, dos comunistas. Se tivesse, de saída, a ban-

deira do socialismo. Afinal de contas, nossas derrotas provocaram um imenso vazio de nossa classe. Contudo, como a conjuntura se movimenta e se acirra rapidamente em momentos como estes, os rumos do movimento são incertos sob qualquer perspectiva. Assim, afirmar, de saída, que é um movimento fadado ao fracasso ou cooptado pela direita é, antes de mais nada, falacioso.

Algumas novas informações: Os comunistas estão presentes

A Organização Comunista Marxista-Leninista (OCML VP) tem lançado um conjunto de materiais que merecem nossa atenção. Esta organização “reivindica o comunismo e suas experiências passadas. Mas ‘Caminho Proletário’, o que significa exatamente? É afirmar que no movimento operário existem aqueles que têm a tentação de querer conciliar nossos interesses com os de nossos exploradores e aqueles que não o querem. Queremos organizar aqueles que, pelo contrário, querem que defendamos os interesses dos proletários sem concessões.” Precisamos conhecer melhor, mas de antemão, já nos interessamos muito por esse movimento.

Em uma de suas notas sobre o atual cenário Francês, a OCML, numa avaliação inicial no começo das manifestações, declarou que “Em vários pontos de bloqueios, foram observados comentários ou ataques sexistas, racistas e homofóbicos (...) Isto pode ser explicado pelo caráter apolíti-

co e confuso do movimento e também pela sua ampla base social. Além disso, a ausência de liderança política, mesmo reformista, é sentida e deixa o campo livre para a expressão dos reacionários (...)” No entanto, afirmam eles “ainda assim, não é permanecendo um espectador do movimento que efetivamente combateremos essas ideias e comportamentos reacionários.”

Nossas experiências, em especial na mais recente greve dos caminhoneiros, validou algo que temos defendido há tempos na Intersindical – Instrumento de Luta e Organização da Classe Trabalhadora – “ou se constrói com a classe ou não dirige o movimento”. Vários companheiros e companheiras sentiram isso na pele, literalmente. Já temos, de saída, um importante elemento para os apontamentos aqui expressados: O movimento na França não tem, de saída, a luta revolucionária no horizonte. Mas isso não é imutável. Com a raiva e paciência que nos é necessária, os militantes franceses tem nos dado provas que é na luta que se aponta para a direção necessária. Mas a luta não significa a participação nos atos. E isso, eles sabem bem: “Hoje, a raiva está explodindo, mesmo que esteja em confusão. Mas a raiva não é suficiente. Devemos organizá-la, dar-lhe objetivos, metas, caso contrário, ela vai cair num caminho sem futuro”.

Aos ansiosos, como eu, aquietem o facho. Não estamos diante de uma revolução proletária. Mas de uma construção possível para saltos qualitativos na luta de classes. Isso sim é luta de classes, e não as eleições. É aqui que devemos gastar nossas energias e não no voto. O que está na ordem do dia, como afirma a OCML “é acabar com o capitalismo, é uma verdadeira revolução.” E completam: “Então, nós, militantes do Caminho Proletário da OCML, convocamos estudantes e trabalhadores (...) sua raiva está certa, é o primeiro passo. O próximo é organizar-se para ver as coisas claramente, e é nisso que estamos trabalhando!” É como se afirmassem, parafraseando Enzensberger, é preciso raiva, franceses, mas também paciência.

A Confederação Geral dos Trabalhadores Franceses (CGT) lançou uma nota que, entre outras coisas, defendia que “que o movimento está ganhando força. Nos bloqueios, durante as manifestações dos sábados, desenvolve-se um



verdadeiro ‘movimento popular’ com todas as suas confusões, todas as suas contradições”. Eles têm sido questionados, por vezes, pela participação ou não no movimento. Em resposta, afirmaram que existe uma liberdade para que fascistas e nazistas estejam presentes no movimento. Isso é democrático. Afirmam que há, nas manifestações, “excessos racistas, sexistas, homofóbicos”. Ora, o que esperavam eles? Que o movimento seria, por si só, revolucionário? Em resposta, várias oposições e militantes das mais diversas organizações criticaram tal posição. Esta oposição criticou com veemência a assinatura da CGT em uma nota, elaborada entre sindicatos, que, na avaliação da OCML é “absolutamente escandalosa”. Na nota criticada, estas entidades sindicais afirmam que “o governo abriu a porta do diálogo”, e também “denuncia todas as formas de violência em expressão das reivindicações”. É muito interessante isso. Alguma semelhança conosco? Basta retomar as notas lançadas pela CUT e UGT sobre a greve dos caminhoneiros, para ficarmos apenas neste exemplo.

A violência, ao contrário do que afirmam os oportunistas franceses, não está do lado de cá. É a polícia francesa quem mata manifestantes. Haja vista a humilhação de estudantes em Mantes la Jolie, a morte de uma idosa em Marselha pelo gás que entrou no quarto andar de seu prédio, o jovem em coma em Toulouse. A violência recai sobre os manifestantes e deve ser respondida à altura.

As semelhanças entre os pelegos daqui e os pelegos de lá são inúmeras. Mais do que isso, o que nos importa, é compreender como tem se dado a resistência por lá, o que expressam seus gritos de guerra, quais as tendências do movimento etc. A luta de classes assume características peculiares do lugar onde está situada e apenas uma coisa pode unificá-la: “a luta contra a sociedade do capital”, como afirmam a OCML, com nosso total acordo.

É fato que devem existir várias contradições na OCML. Não quero aqui supervalorizar sua atuação. Precisamos conhecê-la melhor. Contudo, as críticas que ela tem manifestado sobre a atuação dos pelegos e a direção para a qual ela tem apontado nos chama muito atenção. Fiquemos de olho...

Por fim, destaco que, ao que me parece e seria, como afir-



mei, estranho se fosse diferente, a luta que cresce na França contra o pacote de medidas do governo de Macron tem um caráter contraditório. Mas qualquer análise que defina o movimento francês, por não ter a sua frente uma organização dos trabalhadores (partido ou central sindical), como um movimento de direita... deve ser logo questionado. Afinal de contas, pelo simples exemplo que coloquei aqui da CGT francesa, o que se poderia esperar deles? Acredito que teríamos um enorme problema caso o contrário acontecesse. Se fossem esses partidos ou organizações que estivessem à frente do movimento. Uma vez que, no geral, estão em busca da acomodação de classes (a chamada conciliação de classes). O aumento dos preços dos combustíveis foi apenas um estopim da série de medidas que tem levado os trabalhadores à morte. É a causa de tudo isso que devemos questionar e analisar, e não suas expressões mais imediatas e superficiais.

Aliás, Macron teria anunciado um aumento do salário mínimo e a isenção de impostos para horas-extras sem essa mobilização? Isso ainda é muito pouco, mas uma baita vitória. A luta de classes continua sendo o motor da história.

Ainda é cedo para traçarmos qualquer tendência, no entanto, infelizmente, não teremos uma revolução. É muito provável que o movimento comece a perder força nas próximas manifestações e o capital volte a sua normalidade. Mais do que qualquer agitação, temos que manter os pés no chão e, como dizia Engels no prefácio do livro 18 de Brumário de Marx, termos clareza dos acontecimentos para não sermos surpreendidos. Didático, o movimento francês nos mostra, mais uma vez, que é o socialismo que precisa estar em nosso horizonte e isso não acontecerá da noite para o dia. Seguiremos nessa empreitada...

Allons Enfants... De La Révolution!

Publicado no site Crítica da Economia (www.criticadaeconomia.com.br)

Os dirigentes franceses têm uma estranha maneira de apresentar a evolução da sua sociedade de classes. Tudo de cabeça para baixo. Invertendo na imaginação a sequência correta dos fenômenos. Para monsieur Bruno Le Maire, por exemplo, ministro das finanças da França, os protestos dos “coletes amarelos” provocaram “uma catástrofe” para a economia francesa.

Ele inverte a ordem dos fatores. E aqui esta inversão não é nem um pouco neutra. Para o proletariado, ao contrário, é a catástrofe capitalista da exploração e miséria planetária ameaçando a vida da população trabalhadora que está na origem das atuais manifestações dos “coletes amarelos” por todo o território da França.

Mais do que simples manifestações contra o aumento

dos preços dos combustíveis ou a diminuição conjuntural do poder de compra dos salários. Os movimentos iniciais contra o aumento do preço dos combustíveis foram apenas a gota de gasolina que, como veremos mais abaixo, na avaliação do proletariado, “incendiou a planície”. Que agora já transborda para a Holanda, Bélgica e amedronta os dirigentes da ordem.

“Nestas últimas três semanas, vimos o nascimento de um monstro que escapou de seus criadores”, afirmou em 07/12 outro ministro francês. Desta vez foi o ministro do interior, monsieur Christophe Castaner, referindo-se a esses maciços protestos que surgiram embrionariamente com motoristas vestindo coletes amarelos e irritados com um aumento de impostos sobre combustíveis e que gradativamente assumiu dimensões imprevistas se transformando num movimento generalizado contra o governo e ameaçando a própria existência do Estado.

A França assistiu a quatro finais de semana consecutivos de gigantescas manifestações contra o governo e o regime capitalista. Em 08/12 saíram às ruas de toda a França aproximadamente 130 mil manifestantes. Cifras divulgadas pelas forças da ordem. Façamos de conta que são corretas.



Foram mobilizados em todo o território nacional aproximadamente 90 mil policiais militares! Quer dizer, quase um militar para um manifestante! Esse aparato militar armado pelo Estado francês para reprimir seus próprios cidadãos foi o maior já realizado na história do país. Talvez na Comuna de Paris tenha sido maior. Somando aos soldados alemães de Bismarck. A conferir.

Foram encarcerados de mais de 1.700 cidadãos. Mais gente que na Bastilha. Ou seja, 1,30% do total de manifestantes. Dados oficiais. Não foi divulgado até agora nenhuma notícia de mortes e nem mesmo o número de feridos na batalha de classes ocorrida no dia 8.

As cenas de violência da polícia sobre cidadãos desarmados (mulheres em grande parte) documentadas em raras fotos e vídeos são muitíssimo mais fortes do que estamos acostumados a ver em manifestações à população de outros países do centro e mesmo periferia do sistema.

Para o governo e sua corrupta imprensa foi uma manifestação menor e “mais pacífica” que a da semana anterior.

Entretanto, alguém duvida que se trata de uma verdadeira guerra de classes que se avoluma neste momento na Europa? Isso ainda pode parecer inverossímil porque é um fenômeno ainda em expectativa de ação ou revelação.

Além do mais, neste início de século 21 o real demora mais do que antes para ser revelado e ainda mais para ser divulgado. Nas últimas décadas as informações da luta de classes são rigidamente controladas e escondidas no totalitário Estado-capital – ou devidamente distorcidas, o que ocorre mais frequentemente. Nem as cenas de guerras externas escapam a esse rígido ocultamento. As do Iraque, Afeganistão, Síria, por exemplo.

A imprensa e demais aparelhos ideológicos burgueses participam organicamente deste aparato de desinformação, repressão e morte. Quase não se divulga, por exemplo, que desde que foram deslanchadas as recentes manifestações populares na França o proletariado já tomou importantes iniciativas para formalizar órgãos próprios de deliberação e organização política para enfrentamento com a burguesia.

Assembleias populares e independentes da ordem bur-

guesa e de qualquer Estado começam a ser instaladas no país. Alternativa proletária ao regime de representação democrática do Estado e de seus manipuladores dirigentes.

Vejamos um desses casos concretos de nascimento do “monstro que escapou de seus criadores”, a que se referiu acima o ministro do interior da França, monsieur Christophe Castaner.

Os coletes amarelos de Commercy, comunidade autônoma do departamento de Meuse, já fizeram apelo geral por conselhos populares por toda a França. Propõem uma solução política para o movimento: comitês territoriais locais autônomos, democracia direta, assembleia geral soberana, delegados com mandato preciso, revogável a qualquer momento, rotatividade de responsabilidades.

Fazem o chamado também para a federação de conselhos territoriais dessas bases locais para evitar a colaboração política da burocracia sindical, líderes autoproclamados ou delegados sem um mandato imperativo das bases. Confira abaixo o manifesto dos trabalhadores de Commercy traduzido em sua integralidade:

A hora da Comuna soa novamente!

Apelo dos coletes amarelos de Commercy por assembleias populares em todos os lugares

*Recusemos a recuperação! Viva a democracia direta!
Nenhuma necessidade de “representantes” regionais!*

Por quase duas semanas, o movimento de coletes amarelos colocou centenas de milhares de pessoas nas ruas de toda a França, muitas vezes pela primeira vez. O preço do combustível foi a gota de gasolina que incendiou a planície. O sofrimento, a vergonha e a injustiça nunca foram tão generalizados. Agora, em todo o país, centenas de grupos locais estão se organizando com diferentes maneiras de fazer as coisas.

Aqui em Commercy, no Meuse, temos operado desde o início com assembleias populares diárias, onde cada pessoa participa em igualdade de condição. Organizamos bloqueios da cidade, estações de serviço e barragens seletivas. Na sequência, construímos um galpão na praça central. Nós nos encontramos lá todos os dias para nos orga-



nizar, decidir as próximas ações, dialogar com as pessoas e dar as boas-vindas àqueles que se juntam ao movimento. Também organizamos “sopas solidárias” para viver belos momentos juntos e nos conhecermos. Em total igualdade.

Mas eis que o governo e certas facções do movimento propõem nomear representantes por região! Ou seja, algumas pessoas que se tornariam os únicos “interlocutores” das autoridades públicas e abafariam nossa diversidade.

Mas nós não queremos “representantes” que acabem forçosamente falando por nós!

Vejam o problema. Em Commercy, uma delegação isolada se reuniu com o subprefeito, nas outras grandes cidades se reuniu diretamente com o prefeito. Eles já fizeram aumentar nosso ódio e nossas reivindicações. Eles já sabem que estamos determinados a acabar com esse odioso presidente, esse detestável governo e o sistema podre que eles encarnam!

E é exatamente isso que amedronta o governo! Pois ele sabe que, se ele começa a ceder nos impostos e sobre os combustíveis, ele também terá que recuar nas aposentadorias, os desempregados, o estatuto dos funcionários públicos e todo o resto! Ele também sabe muito bem que corre o risco de intensificar um movimento generalizado contra o sistema!

Não é para compreender melhor nosso ódio e nossas reivindicações que o governo quer “representantes”. É para nos enquadrar e nos enterrar! Tal como acontece com as direções sindicais, ele procura intermediários, gente com quem ele poderia negociar. Nestes em quem ele pode em seguida controlar e pressionar a dividir o movimento para enterrá-lo.

Eles desprezam a força e a inteligência do nosso movimento. Desprezam o fato que estamos pensando, nos organizando, fazendo evoluir nossas ações que os apavoram tanto e que ampliam o movimento!

E acima de tudo, eles não levam em conta que há uma coisa muito importante: em toda parte, de várias formas, o movimento dos coletes amarelos reivindicam muito além do poder de compra! O que os coletes amarelos reivindicam é o poder ao povo, pelo povo, para o povo. É um novo sistema onde “aqueles que não são nada”, como eles dizem com desprezo, assumem o poder sobre todos aqueles que se empanturram, sobre os dirigentes e sobre os poderosos do dinheiro. É a igualdade. É a justiça. É a liberdade. Eis o que queremos! E isso começa pela base!

Se nomearmos “representantes” e “porta-vozes”, isso nos tornará entes passivos. Pior: vamos rapidamente reproduzir o sistema e funcionar de cima para baixo como os canalhas que nos dirigem. Estes chamados “representantes do povo” que estão enchendo seus bolsos, que fazem leis que apodrecem a vida e servem aos interesses dos ultra-ricos!

Não coloquemos nem um dedo na engrenagem da representação e da recuperação. Este não é o momento de delegar nossa palavra a um punhado de indivíduos, mesmo que pareçam honestos. Que escutem a todos nós ou não escutem a ninguém!

A partir de Commercy, portanto, propomos a criação em toda a França de comitês populares, que funcionem em assembleias gerais regulares. Espaços onde se liberta a palavra, onde se ousa se expressar, se preparar, ajudar fraternalmente um ao outro. Se deve haver delegados, é ao nível

de cada comitê popular local de coletes amarelos, o mais próximo possível da palavra do povo. Com mandatos imperativos, revogáveis e rotativos. Com transparência. Com confiança.

Propomos também que centenas de grupos de coletes amarelos possuam um galpão como em Commercy, ou uma “casa do povo”, como em Saint-Nazaire, em suma, um lugar de compartilhamento e de organização! E que eles se coordenem, em nível local e provincial, em condição de total igualdade!

É assim que vamos ganhar, porque isso, lá em cima, eles não estão acostumados a controlar! E isso os faz tremer de medo.

Não nos deixaremos ser dirigidos. Não nos deixaremos dividir e recuperar.

Não aos representantes e porta-vozes auto-proclamados! Retomemos o poder sobre nossas vidas! Viva os coletes amarelos em sua diversidade!

Viva o poder ao povo, pelo povo, para o povo!



Expediente

Esta é uma publicação do SINASEFE. É autorizada a reprodução total ou parcial do conteúdo, desde que citada a fonte.

Plantonistas responsáveis: Camila Marques (coordenadora geral) e José Luiz Papa (1º tesoureiro)

Diretores de Comunicação: Lucrécia Iacovino e Michel Torres

Edição e revisão: Mário Júnior (MTE-AL 1374)

Design Gráfico: Flávia Destri Garcia

Contatos: dn@sinasefe.org.br e
imprensa@sinasefe.org.br

Acesse nosso site: www.sinasefe.org.br



Filiado à

